

UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA (UFRO)
CENTRO DE HERMENÊUTICA DO PRESENTE

PRIMEIRA VERSÃO

ANO I, Nº34 - JANEIRO - PORTO VELHO, 2002
VOLUME III

ISSN 1517-5421

EDITOR

NILSON SANTOS

CONSELHO EDITORIAL

ALBERTO LINS CALDAS - História
ARNEIDE CEMIN - Antropologia
FABÍOLA LINS CALDAS - História
JOSÉ JANUÁRIO DO AMARAL - Geografia
MIGUEL NENEVÉ - Letras
VALDEMIR MIOTELLO - Filosofia

Os textos de até 5 laudas, tamanho de folha A4, fonte Times
New Roman 11, espaço 1.5, formatados em "Word for Windows"
deverão ser encaminhados para e-mail:

nilson@unir.br

CAIXA POSTAL 775
CEP: 78.900-970
PORTO VELHO-RO

TIRAGEM 200 EXEMPLARES

EDITORA UNIVERSIDADE FEDERAL DE RONDÔNIA

PRIMEIRA VERSÃO

ISSN 1517-5421

lathé biosa **34**



**UM POUCO DE HUMOR NA ANÁLISE DO
DISCURSO: RESGATANDO A
SUBJETIVIDADE DISCURSIVA**

NAIR F GURGEL DO AMARAL



Nair F. Gurgel do Amaral

Professora de Lingüística – UFRO

naigel@unir.br

UM POUCO DE HUMOR NA ANÁLISE DO DISCURSO: RESGATANDO A SUBJETIVIDADE DISCURSIVA

Desde o surgimento da Análise do Discurso de linha francesa, no final dos anos 60 por Michel Pêcheux, que essa linha de estudos tem demonstrado ser um campo de pesquisa muito fértil. A Análise do Discurso surgiu na conjuntura política e intelectual francesa, marcada pela conjunção entre filosofia e prática política, já como um campo transdisciplinar. Atravessou fronteiras e movimentou o campo das ciências humanas, constituindo-se hoje em uma disciplina transversal.

Os principais estudiosos da Análise do Discurso reuniam reflexões sobre o texto e a história, resultando daí uma análise textual que envolvia a Lingüística, o Marxismo e a Psicanálise. Saussure-Marx-Freud são as três balizas da proposta de Pêcheux, situando a Análise do Discurso em três regiões do conhecimento: a) na Lingüística – com a problematização do *corte saussureano* - teoria lingüística; b) no Materialismo Histórico - por meio da releitura althusseriana de Marx - teoria da sociedade; c) na Psicanálise – por meio da releitura lacaniana de Freud - teoria do inconsciente. Michel Foucault (França, 1926-1984) filósofo, intelectual e polêmico, militante das causas das “minorias”, problematiza sobre a ciência histórica, suas discontinuidades, sua dispersão, que resultará na abertura do conceito de *formação discursiva*, na discussão entre os saberes e os (micro) poderes, na preocupação com a questão da leitura, da interpretação, da memória discursiva. Foucault abordou o discurso, principalmente em *As palavras e as coisas* (1966); *Arqueologia do saber* (1969) e *A ordem do discurso* (1972) de onde vêm vários conceitos para a Análise do Discurso francesa. Somente mais tarde, Mikhail Bakhtin (Rússia, 1895-1975) nos dá a idéia da heterogeneidade, do dialogismo, da inscrição da discursividade em um conjunto de traços sócio-históricos, em relação ao qual todo sujeito é obrigado a se situar. Bakhtin era teórico da lingüística e da literatura e viveu na Rússia stalinista, motivo pelo qual sua obra só foi traduzida no Ocidente no final da década de 60 (*Marxismo e Filosofia da Linguagem*, escrito em 1929). Bakhtin é conhecido primeiramente na teoria da literatura com a obra *Problemas da Poética de Dostoiévsky* (1963); *Estética e Teoria do romance* (1975); *Estética da criação verbal* (póstumo 1979). É nesse período que ele influencia os franceses da Análise do Discurso. A Lingüística vai descobrir Bakhtin bem mais tarde, nos anos 90: seus conceitos de “gênero” e “dialogismo” passam a circular em muitos trabalhos.

Nos anos 80 as propostas de Pêcheux vão-se aproximar de outros fundadores. Nos seus últimos escritos, Pêcheux já acena para várias aberturas, deslocando-se da primazia sobre o discurso político, sobre a materialidade escrita, para encontrar outras formas materiais, outros regimes de materialidades.

Para o trabalho que proponho desenvolver, destaco Michel de Certeau, (França, 1925 - 1986), considerado um dos melhores teóricos da Nova História. Com seus livros *A invenção do cotidiano: artes de fazer* (1990) e *A invenção do cotidiano: morar, cozinhar*, De Certeau nos brinda com as propostas de análise dos discursos do cotidiano, a reflexão sobre a escrita da história e a emergência das resistências. Pensador de inteligência brilhante e não conformista, contribuiu nas

áreas de Filosofia, Letras Clássicas, História e Teologia, pesquisador da história dos textos místicos desde a Renascença até a era clássica, interessa-se não só pelos métodos da Antropologia e da Linguística, como também pela Psicanálise. Anticonformista e perspicaz, foi um inconformado com os cânones de uma disciplina rígida e censurado por colocar em dúvida a forma da escola francesa de História. Sua principal contribuição foi questionar a suposta passividade dos consumidores. Ele acredita na criatividade das pessoas ordinárias. Uma criatividade oculta num emaranhado de astúcias silenciosas e sutis, eficazes, pelas quais cada um inventa para si mesmo uma “maneira própria” de caminhar pela floresta dos produtos impostos.

A questão do assujeitamento, colocada pela Análise do Discurso francesa, especialmente em sua primeira fase, através de Michel Pêcheux, sempre me incomodou. Nessa fase, conforme dito acima, ressalta-se a idéia de inconsciência dos sujeitos envolvidos numa interação discursiva, já que os sujeitos ocupam posições pré-estabelecidas pela formação social a que pertencem. Nessa situação, os sujeitos produzem um discurso que, na verdade, é um “já dito”, uma vez que ele não é a origem do discurso. O discurso é produzido sempre em condições dadas, pré-estabelecidas por uma determinada formação discursiva.

Naturalmente que não tenho a pretensão de questionar o assujeitamento ideológico pelo qual todo sujeito é atingido. O que me inquieta é a simplificação que se faz do sujeito, conferindo a ele um tratamento, no mínimo, reducionista, e o estatuto que se confere ao discurso, de ser fechado, concebido em um lugar no qual o sujeito não interveio, apesar da heterogeneidade de que esse discurso é constituído.

Entretanto, questionar o tratamento reducionista que a Análise do Discurso dá ao discurso e ao seu sujeito não é, de maneira alguma, questionar o seu valor. Ela coloca questões de grande importância, como a noção de condições de produção, e o jogo de imagens (Pêcheux, 1969). O próprio Pêcheux, em *Discurso: Estrutura ou Acontecimento* (1983), procura rever alguns de seus postulados teóricos. Reconhece o tratamento reducionista que vinha dando ao discurso e a seus sujeitos e procura reconsiderar a particularidade discursiva do enunciado. No entanto, o conceito de assujeitamento não se altera em Pêcheux (1983): “o sujeito continua ‘controlado’, mesmo que seja por ‘acontecimentos’, por efeitos de sentido (um saber não articulável, inacessível, portanto) que foge ao que o autor considera como parte do pré-concebido. O sujeito, então, não constrói o discurso e nem a história, apenas os organiza!!!. Tudo acontece abstraído a ‘ação’ desse sujeito, mesmo porque a equivocidade, a elipse, a falta, que poderiam ser consideradas como brechas para a ação desse sujeito, são consideradas por Pêcheux como fatos estruturais, como próprias da estrutura da língua (do pré-concebido). É o primado da estrutura sobre o acontecimento.

Com a finalidade de postular um lugar de destaque para o sujeito do discurso, sem, entretanto, deixar de considerar as condições de produção a que está submetido, seja por questões ideológicas ou sócio-históricas, é que tento encontrar em textos humorísticos vestígios que demonstrem, principalmente através da linguagem, um trabalho do sujeito estrategista, resgatando-o da passividade e do assujeitamento imposto pela ideologia. Como a minha intenção é evidenciar o papel do sujeito no discurso e demonstrar que ele, estrategicamente, deixa vestígios nos textos que produz, espero, com o auxílio dos textos humorísticos, deixar claras essas marcas de subjetividade, ou do não assujeitamento, onde se torna evidente o trabalho do sujeito.

O meu interesse pelo humor surgiu devido a essas questões colocadas pela Análise do Discurso. Sob essa perspectiva teórica, é possível dizer que as piadas, sendo discurso, servem à ideologia, e que os sujeitos envolvidos no discurso humorístico são tomados pela inconsciência inerente ao processo de assujeitamento ideológico pelo qual passam todos os sujeitos do discurso. Dessa forma, os sujeitos têm a ilusão de que dominam o próprio discurso, mas, na verdade, são dominados por ele. O falante, nessa perspectiva teórica, não passa de um porta-voz de discursos que o antecedem. O 'eu' é, nessa versão, dominado, condicionado pelo 'outro'. O que procurarei mostrar é que o discurso humorístico possibilita reflexões acerca do processo discursivo. A eficácia (ou não) das estratégias discursivo-argumentativas utilizadas no discurso humorístico nos permite questionar a plena inconsciência dos sujeitos desse discurso. O sucesso do humor, ou o que faz rir não pode ser considerado obra do acaso.

O discurso humorístico, por se valer de alguns procedimentos discursivos mais sistematicamente produzido que outros tipos de discurso, abre espaço para que se realize uma reflexão sobre o funcionamento discursivo que coloca o sujeito sempre e apenas como objeto da própria história e nunca como sujeito. Os exemplos abaixo mostram textos construídos a partir de modelos muito estereotipados, conhecidos, onde é possível perceber a presença da subjetividade, isto é, o trabalho do sujeito a partir de outro texto. Ou seja, há o discurso do outro, mas existe também o trabalho do eu. São provérbios reescritos, desmontados.

Quem dá aos pobres ainda tem que pagar o motel. [*Quem dá aos pobres, empresta a Deus*] - *Ideologia Humanista.*
Quem ama o feio é porque o bonito não lhe aparece. [*Quem ama o feio, bonito lhe parece*] – *Ideologia Conformista.*

Impossível não perceber a presença da heterogeneidade. Sob a forma de jogo, o sujeito deixa marcas que não há como negar sua presença. O verbo 'dar' e sua forma polifônica de aparecer nos discursos, permite uma manobra do autor, desviando totalmente o sentido do texto ao alterar a segunda parte do provérbio. Fenômeno parecido ocorre no exemplo seguinte: a segunda parte é alterada e a ideologia do provérbio é desmontada.

É relativamente fácil dizer que os exemplos acima são textos construídos a partir do discurso do outro. Isso é inegável. O que considero difícil é eliminar totalmente a subjetividade. Vejam bem: Se aparecesse primeiro o conhecido provérbio "quem dá aos pobres empresta a Deus", quem seria capaz de imaginar a presença desses outros exemplos? No entanto, ao lermos estes enunciados, percebemos, imediatamente, a presença do provérbio. Com base nesses exemplos, posso afirmar que a presença do outro não é suficiente para apagar a presença do eu, no máximo, mostrar que ele não está só.

Embora já tenham dito que "nada é mais humorístico do que o próprio humor, quando pretende definir-se", fico com a sabedoria de Monteiro Lobato ao dizer que o "humor é a maneira imprevisível, certa e filosófica de ver as coisas". É que em relação ao humor, não faltam argumentos e definições de personalidades a respeito. Todos ressaltam, de alguma forma, que o humorismo é o único momento sério e, sobretudo sincero da nossa cotidiana mentira. Começo citando a célebre frase de Aristóteles: *O homem é o único ser vivente que ri*, seguida de alguns versos do poema de Luís Fernando Veríssimo, intitulado *O único animal*, onde ele diz, entre outras coisas, que "o homem é o único animal que ri dos outros". Na verdade, estou querendo dizer que o riso é tão amplamente difundido nas

formas de vida social do homem, podendo ser considerado fator primário de seu comportamento, que falar do riso é tentar compreender e interpretar a história do homem. Entretanto, humor – na literatura e na vida – não é contar piada, fazer gracinhas ou ser óbvio e explícito... Não é ficar rindo à toa.

Millôr Fernandes afirma que fazer humor “É adotar uma forma completamente desinibida e descondicionada de ver as coisas”. Para entender melhor o que disse Millôr, recorro a outro humorista. Leon Eliachar (que teve a seguinte definição laureada com o primeiro prêmio “Palma de Ouro” na IX Exposição Internacional de Humorismo realizada na Europa – Bordighera, Itália, 1956) define humor da seguinte forma: ***“Humorismo é a arte de fazer cócegas no raciocínio dos outros. Há duas espécies de humorismo: o trágico e cômico. O trágico é o que não consegue fazer rir, o cômico é o que é verdadeiramente trágico para se fazer.”*** Certo é que o humor evidencia uma atitude intelectual do autor, que produz o seu texto com uma postura reflexiva e consciente. Além disso, peculiar no humor é que ele chama a atenção do leitor para uma possível manifestação da linguagem. Os autores que trabalham com o humor valorizam alguns aspectos, entre eles estão a inovação e a subversão. **A inovação** pode ser entendida como sendo uma nova forma de perceber velhas coisas; sem preconceitos, sem estereótipos, sem repetir o já sabido. Não existe o medo de mudar. **A subversão é** revelada através do inconformismo, do rompimento com as regras, com as normas, feito através de recursos metafóricos e lingüísticos. Alguns idealistas afirmam que são os desobedientes que movimentam o mundo.

O riso, portanto, é uma das formas de subverter padrões, é, sobretudo, uma crítica social. As possibilidades mais simples de se inventar estórias cômicas nasce do aproveitamento do **erro**. Rimos das pessoas que caem porque elas não se comportam segundo a norma humana. Este tipo de “riso de superioridade” está entre as primeiras formas de riso de que a criança é capaz. (Ver o sucesso da ‘pegadinhas’ e das ‘vídeos cacetadas’).

Um dos mais conhecidos textos humorísticos são as piadas. Geralmente, elas versam sobre temas socialmente controversos, onde é possível constatar manifestações culturais e ideológicas. A maioria delas veiculam o discurso dominante e são sobre: sexo, política, racismo, loucura, morte, defeitos físicos, instituições (escola, casamento, igreja, línguas, etc). Alguns teóricos afirmam que o papel do lingüista é explicar, não o porquê do humor, mas o como acontece o humor, ou seja, os lingüistas trabalham onde os outros se divertem, analisando e descrevendo os fenômenos lingüísticos, envolvidos no processo de criação e interpretação do texto que provoca o riso. Embora as piadas tenham um forte cunho cultural, social ou ideológico, (fonte de pesquisa para os sociólogos, psicólogos e antropólogos) os analistas do discurso devem também se preocupar com essas questões, pois consideram em suas análises as condições de produção do discurso, uma vez que todo discurso pressupõe uma memória, um acontecimento, enfim, um processo. O que veremos agora são alguns exemplos de textos que pressupõem o ‘já dito’, ou seja, o discurso do ‘outro’, mas que demonstram de alguma forma um trabalho do ‘eu’ sujeito. Outro fator que chama a atenção ao analisarmos as piadas é que elas costumam também veicular o **discurso corrente**, e ao fazê-lo utilizam-se de **estereótipos**. Assim: todo judeu só pensa em dinheiro; todo português é burro; todos os advogados são corruptos; todas as loiras são burras e só pensam em sexo; todo japonês tem pênis pequeno. Vejamos alguns exemplos:

Por que é que judeu só penteia o cabelo para trás?

- **Porque judeu não gosta de repartir nada.**

O português passava em frente a um chaveiro quando viu uma placa "Trocam-se segredos". Parou, entrou na loja, olhou para os lados e cochichou para o balconista:

- ***Eu sou gay, e você?***

- *O que o japonês faz quando tem ereção?*

- *Sai de casa pra votar, né?*

Se a língua fosse monofônica, os textos acima não seriam humorísticos. O que permitiu o humor foi a presença de um sujeito estrategista que conhece as nuances da língua e faz incursões nas construções morfossintáticas. O que comprova uma manobra do sujeito é sua astúcia na escolha das palavras e sua conseqüente articulação. É que o sentido ou o efeito de sentido só pode ser determinado se considerada as condições de produção. A linguagem, polifônica e heterogênea constitutivamente, possibilita ao sujeito trabalhá-la, com a finalidade, inclusive de enganar o leitor. Daí o efeito de humor: 'repartir', 'trocar segredos' e 'ereção' representam escolhas conscientes por possibilitarem mais de uma leitura. Por exemplo: [dividir/partir ao meio], [trocar confidências/trocar combinação numérica de cofres], [levantamento/eleição].

Na última piada, existe a evidente intencionalidade do autor em desviar a interpretação do leitor: *japonês tem pênis pequeno = ereção*. **Análise lingüística:** na pronúncia dos japoneses residentes no Brasil, ou seus descendentes, existe uma substituição do **L** pelo **R**. Ex.: "do lado de lá" = /do rado de rá/, diferentemente da pronúncia das crianças brasileiras que, até os cinco anos de idade, mais ou menos, trocam o **R** pelo **L** (ver Cebolinha da Turma da Mônica). Ex.: "para fora" /pala fola/.

Como é possível falar em assujeitamento, quando o sujeito conhece e usa normas da linguagem, burlando estrategicamente as regras da interpretação previsível e levando o leitor a uma resposta contrária à esperada pela "pegadinha". Logo, "ereção" é diferente de "elevação do pênis" e igual a "eleição", que por sua vez pressupõe "votar". Para De Certeau, o sujeito reinventa o cotidiano. Utiliza o 'já dito' para redizer de forma diferente, às vezes, atribuindo-lhe outra ideologia.

Podemos fazer vários tipos de análise em relação aos textos humorísticos. Uma delas é considerar os diversos níveis gramaticais. Por exemplo: fonológico, morfológico, sintático, lexical, sociolingüístico, etc. O exemplo abaixo mostra uma 'pegadinha' que contempla dois níveis de análise, pelo menos. O discurso do "outro" é percebido pela possibilidade de diferentes pronúncias (maior ou menor duração, possibilidade de pausa em um discurso e impossibilidade no outro,) e a conseqüente possibilidade de duas leituras das seqüências é trabalho do sujeito. As diferentes segmentações fazem com que a piada (charada) abaixo seja também considerada morfológica. E as diferentes segmentações é que permitem dizer que, num caso, temos uma palavra só e, no outro, duas. Os alfabetizadores sabem o quanto esse fenômeno tem sido problemático nas séries iniciais.

- ***Você sabe como é que muda pé de café?***

- Tira o pé de café de um lugar e planta em outro.

Nível Fonológico

1. muda /pede /café [muda/pEdji/kafE] 03 segmentos
2. muda /pé /de /café [muda/pE/dji/kafE] 04 segmentos

Nível Morfológico

Por analogia aos verbos regulares da 3ª conjugação e considerando a fala, onde “pé de” é igual a “pede”:

1. Resid+ir ela resid+e [rezidji]
2. Med+ir ela med+e [mEdji]
3. Ped+ir ela ped+e [pEdji]

Nível Lexical / Semântico

Presença marcante da polifonia:

1. muda pessoa desprovida da fala (expressão verbal oral). Ex: *Fulana é muda; A muda (mulher que não fala) é bonita, etc*
2. muda verbo mudar (transferir, trocar, transportar de um lugar para outro, transformar, etc.). Ex: *Fulano muda a camisa; Fulano muda de casa, Fulano muda para São Paulo, Fulano muda a mesa da sala para a cozinha, Como você muda a cada hora..., etc.*

Dois políticos famosos se encontraram em Brasília depois de escapar de mais uma CPI:

- Antenor, há quanto tempo! Vamos tomar alguma coisa?

- Vamos. De quem?

No Nível Sintático, quando o que está em ‘jogo’ são as estruturas sintagmáticas do enunciado, temos outras possibilidades de análise: [tomar] = [beber (algo)] - verbo transitivo direto - objeto direto. [tomar] = [subtrair (algo, de alguém)] - verbo bi-transitivo – objeto direto e indireto (de quem?)

A variação lingüística é um fenômeno apaixonante, rico e, sobretudo, rendoso no que diz respeito a dados lingüísticos. Com a variação podemos detectar problemas ligados ao preconceito e à discriminação, facilmente observáveis através da pronúncia, do léxico, e da construção sintática principalmente. A dialetologia mostra que esses fenômenos podem ocorrer no nível espacial (Variação Geográfica), mostrando as diferentes classes sociais (Variação Social), trabalhando com faixas de idades diferentes (Variação de Idade), estabelecendo diferenças entre a fala da mulher e do homem (Variação de Sexo), entre outras tantas.

Um caipira assiste TV de janela aberta. Passa um vizinho e cumprimenta: - Firme cumpadi?

- Não cumpadi, é novela.

A pronúncia diferente - **Nível Fonológico** - entre o urbano e o caipira (variação geográfica e/ou social) estabelece o “gatilho” da piada: interpretar palavras de formas diferenciadas. Logo, “firme” não é o que poderia parecer óbvio (legal), mas uma variante de “filme”, existente na fala dos caipiras, ou dos sem escolaridade. No caso do caipira é relevante demonstrar que sua “inferioridade” social, geralmente demonstrada pela linguagem que usa (padrão/não padrão) é superada pela sua esperteza, sua sabedoria. Aí estão incluídos também os nordestinos, que nesse caso, são considerados “machões”, em oposição ao “gaúcho”. São estereótipos como já vimos anteriormente.

O que procurei mostrar é que o discurso humorístico abre perspectiva para outra reflexão acerca do processo discursivo. A eficácia, ou não, das estratégias discursivo-argumentativas utilizadas no discurso humorístico nos permitem questionar sobre os sujeitos desse discurso. Depois de tudo que foi dito ainda é possível acreditar que o sucesso do humor, ou o que faz rir, pode ser considerado obra do acaso? Do assujeitamento? Será que devemos concordar com a simplificação dada ao sujeito e o estatuto conferido ao discurso, de ser fechado, concebido em um lugar no qual o sujeito não interveio, apesar da heterogeneidade de que esse discurso é constituído?

Fica, então, um questionamento para reflexão: Será que na nossa prática escolar temos tido propostas diferentes para o ensino de língua, ou será que a subjetividade atingiu níveis, não de assujeitamento ideológico, mas, perigosamente, de alienação, de submissão, de falta de conscientização no exercício de cidadania? Naturalmente que prefiro ficar com De Certeau e mostrar que o sujeito pode ser diferente na igualdade, pois “não são meros consumidores, mas usuários que sabem personalizar o que usam e o que fazem”. É como diz Possenti (1995) “... a história freqüentemente se faz de pequenos fatos, pequenos atos que produzem pequenas alterações do que há, de usos diversos e eventualmente não previstos das mesmas coisas...”

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN/VOLOSHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992.
- BRANDÃO, H. H. N. **Introdução à análise do discurso**. Editora da Unicamp, 1992.
- De CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano**. Petrópolis, Vozes, 1994.
- FERREIRA, M. Cristina Leandro (org.) **Glossário de Termos do Discurso**. Porto Alegre, UFRGS, 2001.
- FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, Forense-Universitária, 1986.
- _____. **A ordem do discurso**. São PAULO: Loyola, 5 ed., 1999.
- GADET, F & HAK, H. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, Pontes, 1990.
- GERALDI, J. W. **Portos de passagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- GREGOLIN, M. R V. **Recitações de mitos: a História na lente da mídia**. In Filigranas do discurso: as vozes do discurso. Araraquara, Cultura Acadêmica Editora, 2000.
- POSSENTI, S. **Discurso, Estilo e Subjetividade**. Campinas: Pontes, 1990.
- _____. **Sobre as noções de sentido e de efeito de sentido**. In: Cadernos da F.F.C. Análise do Discurso. UNESP/Marília, v 06, n 02, 1997.
- MAINGUENEAU, D. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas, Pontes, 1994.
- _____. **Termos-chave da Análise do Discurso**. Belo Horizonte, Editora da UFMG, 1998.
- PÊCHEUX, M. **Discurso: estrutura ou acontecimento**. Campinas, Pontes, 1999.

VITRINE

DIVULGUE:

PRIMEIRA VERSÃO
NA INTERNET

<http://www.unir.br/~primeira/index.html>

Consulte o site e leia os artigos
publicados

SUGESTÃO DE LEITURA

OS LIMITES DA INTERPRETAÇÃO

UMBERTO ECO
Editora Perspectiva

RESUMO: Conhecido por haver revolucionado a semiótica com a obra Aberta, em que propunha a primazia da interpretação, Eco, neste conjunto de ensaios escritos durante a década de 1980, defende os direitos do texto, sua singularidade e força: "dizer um texto é potencialmente uma intervenção infinita e não representa que disto resulte um final feliz", mas qualquer que seja ele, jamais esgota o dizer sobre o texto.

SUMÁRIO: Intentio Lectoris: apontamentos sobre a semiótica da recepção; Aspectos da Semiótica Hermética; O trabalho da interpretação; As condições da interpretação.

Áreas de interesse: Análise do Discurso, Lingüística, Literatura, Filosofia.

Palavras-chave: Texto, interpretação, literatura, semiótica.